

Produto 03:

Mapeamento afetivo na CEI Caminho do Saber

Frente Intervenções

Residência em Arquitetura e Urbanismo

Universidade Federal de Santa Catarina

Periferia Viva

Ministério das Cidades
Governo Federal

Julho de 2024



Periferia
Viva

residência
em arquitetura
e urbanismo
ufsc



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

frei
damião

MINISTÉRIO DAS
CIDADES

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

EQUIPE | PERIFERIA VIVA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

COORDENADOR

Ricardo Socas Wiese

COORDENADORES DAS FRENTES DE TRABALHO

Lucas Sabino Dias
Ricardo Socas Wiese
Roberta Krahe Edelweiss
Samuel Steiner dos Santos
Soraya Nór

SUBCOORDENADORES DAS FRENTES DE TRABALHO

Adriana Marques Rossetto
Fernando Tavares de Albuquerque
Otávio Augusto Alves da Silveira
Paolo Colosso

SUPERVISORES DAS FRENTES DE TRABALHO

Claudia Elisa Poletto
Eliane Maria Benvegnú
João Paulo Serraglio
Júlia De Fáveri
Sumara Alessandra Silva Lisbôa

BOLSISTAS DE PÓS-GRADUAÇÃO

Bárbara Guimarães Fernandes
Guilherme França de Lima
Jéssica Delfino Cunha
Larissa Siqueira Chaves
Lucas Rodrigo Nora

BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO

Ana Maria da Silva Oliveira
Clara Bragança Boschiglia
Isadora Imthon
Luiz Fernandes da Costa Neto
Maria Eduarda Viana Demos
Pedro Henrique Salzedas Yamamuro
Tiago Mitsuo Nagasaki

VOLUNTÁRIOS

Éliton Renan Kutas
Marindia Ingrid Vanzin

RESIDENTES - BOLSISTAS

Aline Martchely Veloso
Amanda Cristina Pádova
Ana Luiza Fontoura Cartana
Ana Paula Rossato Balke
Ayia Nishimuta Fonseca
Claudia A. Ferreira
Djohodo S. L. P. M. O. Aboh
Dyene Mafioletti
Giulia Haack Tavares
Hamilton Binato Junior
Icaro Coppio da Costa
Izabelle L. de Godoi
João A. de Camargo Armondi
Lucas Burigo Bilessimo
Luiz Gonzaga Philippi Filho
Márcio de França Santos
Marilia Lima Aguiar
Nathália Sander
Paloma Xavier Pereira
Susan Natalí Oliveira Lecuona
Tanise de Góes Maia



EQUIPE | RESIDÊNCIA EM ARQUITETURA E URBANISMO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

COORDENADOR

Samuel Steiner dos Santos

SUBCOORDENADORA

Soraya Nór

SECRETÁRIA

Mariany Cristine Souza

DOCENTES

Adriana Marques Rossetto

Lino Fernando Bragança Peres

Louise Prado Alfonso

Lucas Sabino Dias

Maíra Longhinotti Felipe

Marcelo Leão

Maria Inês Sugaí

Marina Toneli Siqueira

Nirce Saffer Medvedovski

Otávio Augusto Alves da Silveira

Paolo Colosso

Renato Tibiriçá de Saboya

Ricardo Socas Wiese

Roberta Krahe Edelweiss

Samuel Steiner dos Santos

Soraya Nór

RESIDENTES

Artur Hugo da Rosa

Aline Martchely Veloso

Amanda Cristina Pádova

Ana Luiza Fontoura Cartana

Ana Paula Rossato Balke

Ayia Nishimuta Fonseca

Claudia A. Ferreira

Djohodo S. L. P. M. O. Aboh

Dyene Mafioletti

Gabriel Sappino Sala

Giulia Haack Tavares

Hamilton Binato Junior

Icaro Coppio da Costa

Izabelle L. de Godoi

João A. de Camargo Armondi

Juçara Silveira Dutra

Lucas Burigo Bilessimo

Luiz Gonzaga Philippi Filho

Márcio de França Santos

Marília Lima Aguiar

Nathália Sander

Paloma Xavier Pereira

Rita de Cassia Goeldner

Susan Natalí Oliveira Lecuona

Tanise de Góes Maia





Apresentação

O curso de Especialização Residência em Arquitetura e Urbanismo é uma iniciativa do Departamento de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, do Centro Tecnológico – CTC, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC financiado pelo Programa Periferia Viva, desenvolvido pelo Governo Federal por meio do Ministério das cidades.

O Periferia Viva nasce da constatação de que a melhoria da qualidade de vida nas periferias requer uma abordagem territorial, ancorada na valorização da organização social e comunitária, e que agregue a retomada de obras de infraestrutura urbana com ações que dialoguem com o conjunto de necessidades identificadas em cada território. Para isso, o programa busca promover a estruturação e integração de uma matriz ampla de políticas públicas, articuladas em torno dos eixos: Infraestrutura Urbana; Equipamentos Sociais; Inovação, Tecnologia e Oportunidades; e Fortalecimento Social e Comunitário.

A proposta é ofertar à sociedade o atendimento às demandas de ensino, extensão e pesquisa em Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social – ATHIS, por meio do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu, para profissionais graduados em Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Civil, Engenharia Sanitária Ambiental e Geografia, voltado para a atuação em assessoria técnica de projetos de habitações de interesse social, como parte integrante do direito social à moradia, assim como para a regularização fundiária e melhorias urbanísticas de assentamentos urbanos de baixa renda, conforme preconiza a Lei Federal 11.888/2008.

O objetivo do Curso Residência em Arquitetura e Urbanismo é qualificar profissionais pela Pós-Graduação Lato Sensu, a partir de uma metodologia participativa e integrada, com enfoque nas demandas sociais relativas ao direito à habitação e à cidade, articulando as dimensões histórica, cultural e simbólica das comunidades, para atuação na Assessoria Técnica em Habitação de Interesse Social – ATHIS, compreendida de modo amplo, com a qualificação das moradias associada à provisão e qualificação de infraestruturas, equipamentos coletivos e espaços livres, que venham trazer melhorias para o lugar de vida das populações de baixa renda, buscando desencadear um efeito sistêmico sobre os territórios de atuação, possibilitando a criação de espaços catalisadores de oportunidades de geração de emprego e renda, para a emancipação comunitária.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Mapeamento Afetivo das moradias e das brincadeiras elaborado no software QGis após as oficinas.	11
Figura 02 - Contação de histórias.	14
Figura 03 - Atividades de artes manuais com as crianças.	15
Figura 04 - Atividades de artes manuais com as crianças.	17
Figura 05 - Atividade de desenho com as crianças.	18
Figura 06 - Adesivos utilizados.	19
Figura 07 - Mapeamento Afetivo: Moradias.	22
Figura 08 - Mapeamento Afetivo: Brincadeiras.	23
Figura 09 - Mapeamento Afetivo: Espaços livres.	23
Figura 10 - Mapeamento Afetivo: Mobilidade.	24
Figura 11 - Participantes ao final do Evento.	29

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 - ROTEIRO OFICINA PARA AS CRIANÇAS NA CEI CAMINHO DO SABER	29
ANEXO 2 - CONTO HISTÓRICO	30
ANEXO 3 - IDENTIFICAÇÃO DAS CRIANÇAS	34

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 APROXIMAÇÃO DA ESCOLA	12
2. OFICINA PARA CRIANÇAS	13
2.1 IDENTIFICAÇÃO	13
2.2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	13
2.2 ARTES MANUAIS	14
2.4 MAPEAMENTO AFETIVO	18
2.4.1. COLETA DE DADOS SOBRE O TERRITÓRIO	19
2.4.2 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	20
3. AVALIAÇÃO DA OFICINA	24
3.1 AVALIAÇÃO GERAL	24
3.2 OLHAR DAS CRIANÇAS SOBRE O TERRITÓRIO	25
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26

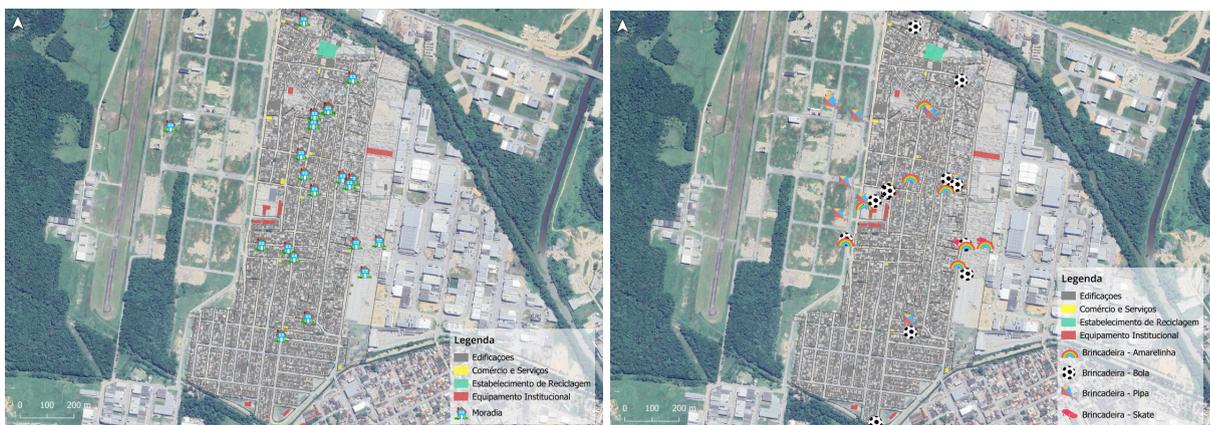
1. INTRODUÇÃO

O presente relatório busca apresentar o processo metodológico do Mapeamento Afetivo operacionalizada pela Residência ATHIS/UFSC na comunidade Frei Damião. Esta atividade aconteceu no dia 03 de Julho de 2024, no Centro de Educação Infantil Caminho do Saber - CEI, com as turmas denominadas “GT5”, do período matutino e vespertino, compostas por crianças de 5 a 6 anos de idade.

Vale ressaltar que a equipe da Residência participou ativamente na construção da metodologia do Mapeamento Afetivo, sendo aprimorada a cada prática. Ela foi aplicada em dois momentos anteriores, sendo eles:

- a) o Primeiro Encontro Comunitário na Associação Laura dos Santos, localizada mais ao norte do território, realizado no dia 04 de Maio de 2024, contou com a presença de 71 crianças e jovens;
- b) o Segundo Encontro Comunitário na Escola Básica Frei Damião, porção central, realizado no dia 08 de Junho de 2024, contou com a presença de 31 crianças;

Figura 01 - Mapeamento Afetivo das moradias e das brincadeiras elaborado no software QGis após as oficinas.



Fonte: Acervo - Residência ATHIS/UFSC.

Assim, a partir dos dois mapeamentos surgiu a intenção de sua aplicação na parcela do território mais ao sul, onde hoje se encontra a CEI Caminho do Saber. Nesta terceira edição, a Frente de Intervenções deu continuidade ao Mapeamento Afetivo com as crianças, de modo a aprimorar a metodologia utilizada e completar o mapeamento do território sob o olhar das crianças e jovens.

1.1 APROXIMAÇÃO DA ESCOLA

Em reunião prévia com a diretora Maristela Cardoso Gregório e Katiana Cardoso, vice-diretora e coordenadora pedagógica, foi possível entender as demandas do GT-5 período matutino e vespertino, para possibilitar as diferentes atividades e as trocas de informações entre as crianças e a Residência.

Para a organização das atividades com um grupo menor, dentro da sala de aula e com as professoras das crianças, foi necessário aprimorar a dinâmica:

- a) manter a atividade com a média de 1 monitor a cada 3 crianças;
- b) no conto, elaborar questões mais objetivas e reduzir o tempo;
- c) para as atividades manuais com argila e blocos de madeira, direcionar a discussão para a “construção” da escola dos sonhos;
- d) estabelecer a setorização das atividades e desenvolver o mapeamento afetivo de forma individual: na sala de aula, contação de histórias e maquete; e, no pátio ao ar livre, atividades manuais com argila e blocos de madeira.

2. OFICINA PARA CRIANÇAS

A terceira oficina representou mais um passo importante para a aproximação entre comunidade e a Residência. A oficina para as crianças desenvolvida como forma de continuação das edições anteriores, contou com a presença de 5 residentes no período da manhã e 6 no período da tarde.

A Frente Intervenções dividiu a atividade com as crianças em quatro momentos principais: identificação, contação de histórias, artes manuais com desenho, argila e blocos de madeira, e maquete do território, detalhados no Roteiro (Anexo 01). As atividades foram organizadas para incentivar a interação entre as monitoras, professoras da escola e as crianças.

Para melhor organização, as atividades manuais e artísticas foram realizadas no pátio externo de modo mais dinâmico e a contação e maquete na sala de aula, devido a necessidade de obter mais atenção e troca com as crianças participantes.

2.1 IDENTIFICAÇÃO

As monitoras chegaram gradualmente à sala de aula para a contação de histórias. Cada uma se apresentou às crianças, enquanto identificavam seus nomes, que foram anotados em etiquetas adesivas. Essas etiquetas, contendo o nome e um número de identificação, foram coladas nas camisetas das crianças para facilitar a organização e o controle durante a atividade.

Para garantir uma gestão eficiente, utilizou-se uma lista de presença fornecida pelas professoras das turmas. No período da manhã, participaram 15 crianças, e no período da tarde, 20 crianças (Anexo 1). Em média, 5% do grupo apresentava neuro

divergência, o que exigiu estratégias de inclusão e adaptações para atender às necessidades de todos os participantes.

A identificação com nome e número ajudou a manter a ordem e assegurou que as atividades fossem conduzidas de maneira organizada e inclusiva.

2.2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A contação de histórias aconteceu através da atuação de uma residente caracterizada como a personagem denominada “Damiana”. Ela conduziu a contação sobre a comunidade Frei Damião (Anexo 2), de modo a abordar o histórico da comunidade de forma lúdica e interativa. Paralelamente, uma monitora desenhava em um cartaz inúmeros aspectos apresentados no texto (Figura 02).

Figura 02 - Contação de histórias.



Fonte: Acervo - Residência ATHIS/UFSC.

2.2 ARTES MANUAIS

Após a identificação e a contação de histórias, as atividades manuais aconteceram através de duas dinâmicas: desenho e argila com blocos de madeira; sendo as crianças conduzidas para responder de forma lúdica a pergunta “como seria a escola dos seus sonhos?”.

Essa dinâmica aconteceu num primeiro momento com todas as crianças, de modo a buscar cativar sua atenção e explorar a imaginação. Para a etapa de artes manuais, as crianças receberam as peças de madeira e, logo em seguida, a argila para ampliar as formas de criação.

Percebeu-se muito interesse das crianças pelos materiais trazidos. Brincar com diferentes texturas e a junção da madeira com a argila em uma única etapa ampliou a criatividade e criou um ambiente mais descontraído, além de ensinar sobre conhecimentos próprios do campo da arquitetura.

A utilização dos materiais na oficina proporcionou uma experiência de aprendizado multifacetada, permitindo que os participantes se familiarizassem com novos recursos e funções na construção civil. A introdução de materiais novos e o uso inovador de materiais já conhecidos pelas crianças enriqueceram o conhecimento delas sobre técnicas e processos construtivos.

A argila foi empregada de maneira lúdica e educativa, servindo como um elemento para unir as peças de madeira, o que simulou a construção de alvenaria. Esse uso da argila também introduziu as crianças a conceitos de bioconstrução e outras técnicas de construção alternativas. A atividade não apenas ampliou o entendimento das crianças sobre diferentes métodos construtivos, mas também promoveu uma abordagem criativa e prática na exploração desses conceitos.

Figura 03 - Atividades de artes manuais com as crianças.



Fonte: Acervo - Residência ATHIS/UFSC.

Figura 04 - Atividades de artes manuais com as crianças.



Fonte: Acervo - Residência ATHIS/UFSC.

Algumas crianças demonstraram interesse em desenhar, direcionadas pela pergunta sobre o que gostariam de ver ou melhorar nos espaços da escola e no entorno. Muitas imaginaram jardins com flores coloridas e árvores frutíferas, relação com os elementos da natureza como sinônimo de um espaço de descanso e lazer. Também colocaram piscinas e brinquedos como escorregador e balanço para criar espaços para brincar. Percebeu-se o contato com jogos eletrônicos e personagens de desenhos animados como referências de algo que gostavam como entretenimento. (Figura 05).

Figura 05 - Atividade de desenho com as crianças.



Fonte: Acervo - Residência ATHIS/UFSC.

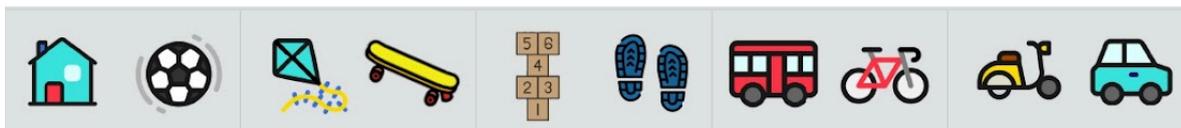
Concomitante a esta atividade aconteceu o mapeamento afetivo. Este foi sendo construído por ordem de chamada, dando prioridade para aquelas crianças que, com o passar do tempo, demonstravam falta de interesse ou de concentração na atividade de desenho e argila.

2.4 MAPEAMENTO AFETIVO

A maquete do território foi restaurada após as duas oficinas anteriores e, com ajuda do Google Maps, foram adicionados pontos de referência para facilitar a localização das crianças, como: as pontes, o comércio local, equipamentos públicos e comunitários, ONGs, escolas e o centro de saúde.

Para a terceira oficina o fundo dos adesivos continuou com a mesma cor (Figura 06), porém, para diferenciar do levantamento anterior, foram identificados com o número de cada criança.

Figura 06 - Adesivos utilizados.



Fonte: Acervo - Residência ATHIS/UFSC.

Para a prática do levantamento, enquanto a maioria das crianças participava da oficina de artes manuais, grupos menores foram conduzidos para uma sala de aula para desenvolver a colagem dos adesivos na maquete. Primeiramente, uma monitora e uma criança analisaram o mapa, a fim de facilitar a leitura do território. Em seguida, buscou-se responder as perguntas relacionadas aos adesivos:



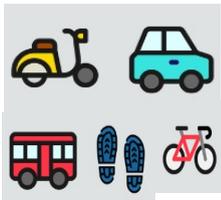
1. MORADIA

- a. Onde você mora?
- b. Consegue identificar sua casa no mapa? Ela fica próxima do que?



2. ATIVIDADES DE LAZER

- a. Do que você gosta de brincar?
- b. Onde você brinca?



3. MOBILIDADE

- como você vai para a escola?
- qual meio de transporte você utiliza?
- como você se locomove pelo território?

2.4.1. COLETA DE DADOS SOBRE O TERRITÓRIO

Para coleta de dados foi apresentada às crianças a mesma maquete utilizada nas Oficinas 01 e 02, com a adição de mais pontos de referência importantes da porção sul do bairro, identificados dentre as categorias: equipamentos institucionais; comércio e serviços; e centros de triagem e reciclagem.

Após a oficina os resultados foram sistematizados e georreferenciados utilizando o software QGis. Destaca-se que dentre as 35 crianças presentes na oficina, todas participaram da atividade de mapeamento.

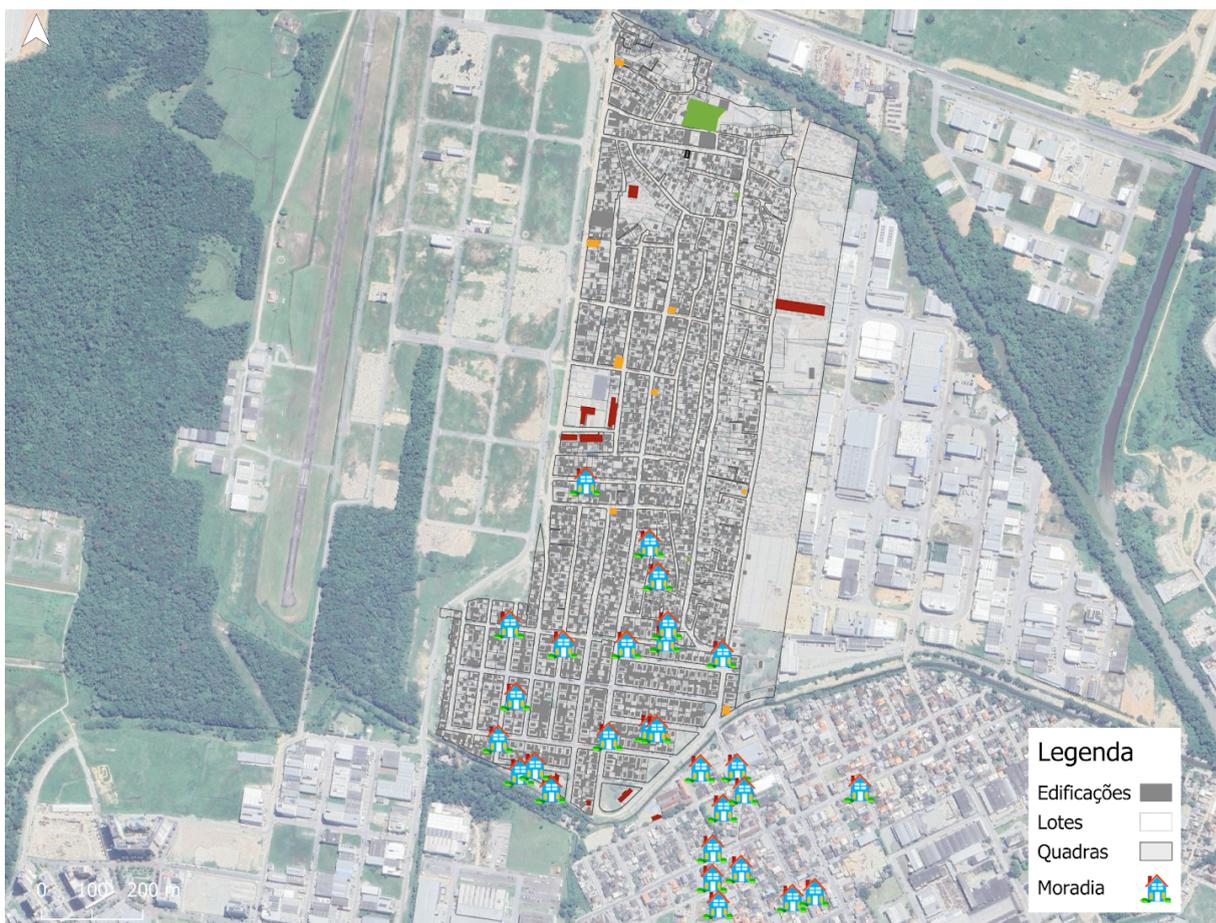
2.4.2 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

A seguir, serão apresentados os dados coletados durante a atividade de Mapeamento Afetivo. A primeira pergunta feita às crianças, visando a colagem dos adesivos foi relacionada ao local de moradia. Na Figura 07, percebe-se uma concentração destes adesivos nas proximidades das Ruas Delfim Ribeiro, Alfredo Erckmann e Sandra Gomes, enquanto como resultado do primeiro e no segundo mapeamento afetivo houveram mais respostas concentradas na Rua Pascoal Mazzilli e da Rua Treze de Maio, respectivamente. Nota-se também que um número expressivo de participantes mora do outro lado do Canal do Peixe, nas proximidades da Escola de Educação Básica Benonívio João Martins.

A condução da atividade desta vez foi mais desafiadora devido à faixa etária dos participantes. No entanto, a maioria das crianças reconheceu os pontos de

referência sinalizados no mapa e utilizou os equipamentos próximos para localizar suas residências na maquete. Esse processo não apenas despertou um sentido de localização nas crianças, mas também ajudou a estabelecer conexões entre suas casas, o entorno e as ruas. Assim, foi possível fomentar um sentimento de proximidade e vizinhança enquanto elas se situavam no território.

Figura 07 - Mapeamento Afetivo: Moradias.

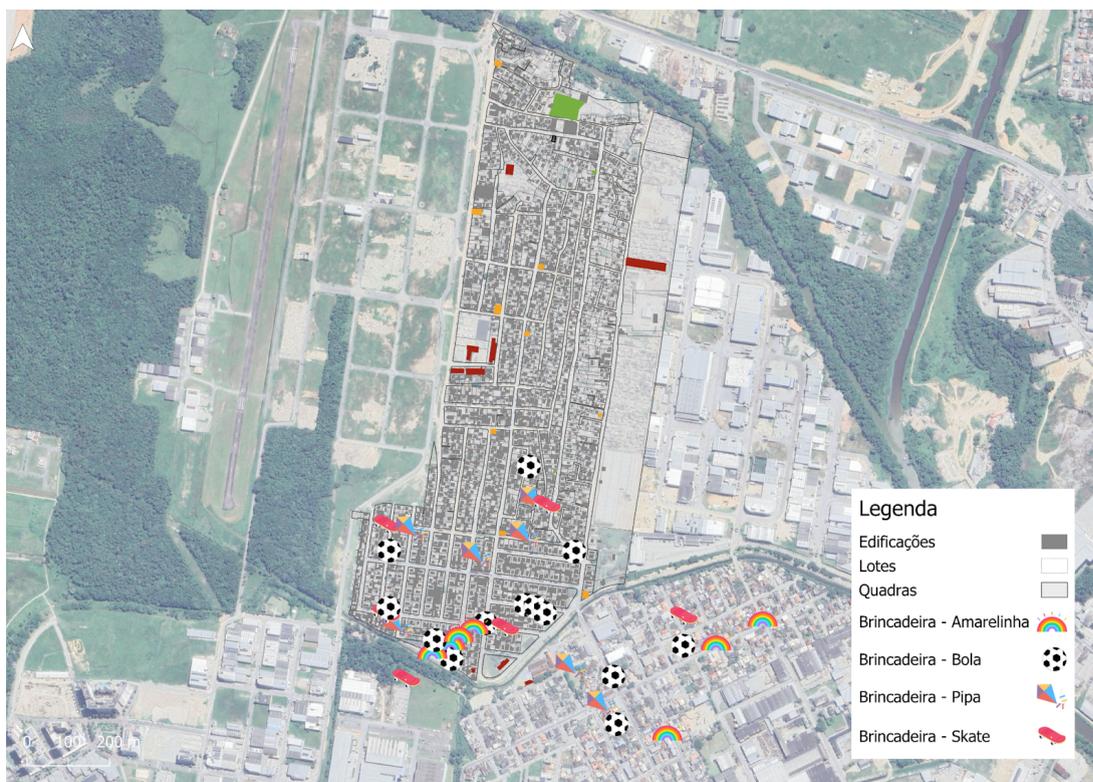


Fonte: Acervo - Residência ATHIS/UFSC.

A Figura 08 apresenta o mapeamento das principais atividades de lazer. As brincadeiras mapeadas com maior frequência foram: futebol (13), pipa (7), amarelinha (7) e skate (6).

Observa-se que a maioria das crianças brinca perto de suas casas, evidenciando uma relação intrínseca entre essas atividades lúdicas e o espaço da rua. Além disso, localizaram no mapa alguns espaços verdes livres existentes nessa porção do bairro que poderiam ser utilizados como praças ou espaços de lazer (Figura 09).

Figuras 08 - Mapeamento Afetivo: Brincadeiras.



Fonte: Acervo - Residência ATHIS/UFSC.

Figura 09 - Espaços Verdes Livres identificados

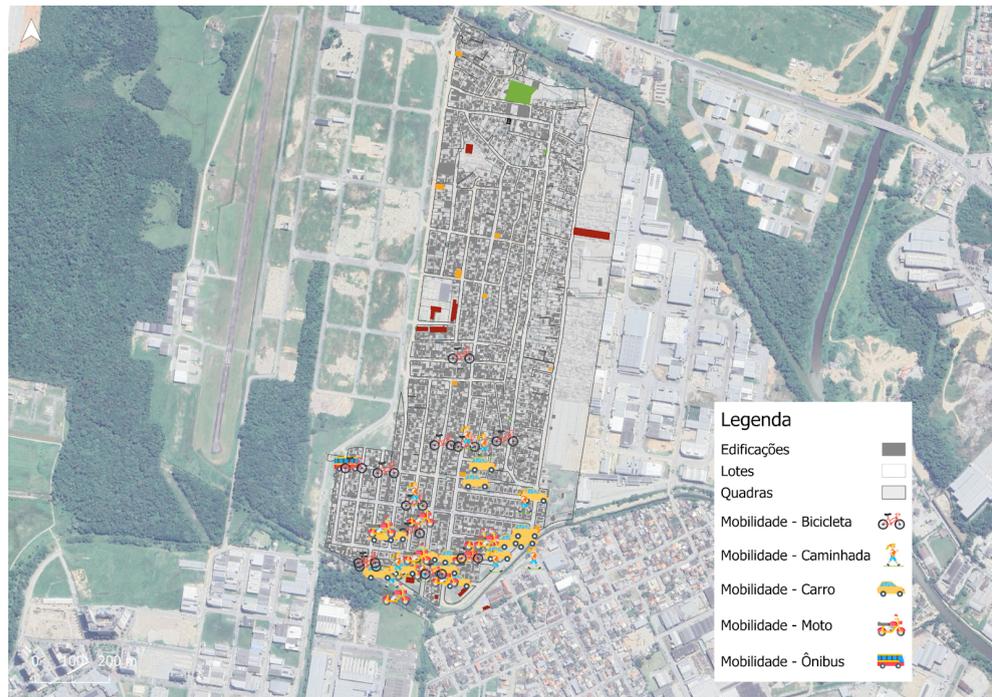


Fonte: Acervo - Residência ATHIS/UFSC.

Com relação ao trajeto que as crianças utilizam para chegar à escola, foi levantado que grande parte das crianças se desloca a pé. Os alunos que moram do outro lado do Córrego utilizam as duas pontes existentes neste trajeto. Destaca-se que a ponte de pedestres existente, é de madeira e necessita de manutenção.

Quanto aos modos de transporte mais utilizados pelas crianças, além do modo a pé, destaca-se a utilização de bicicletas por boa parte das crianças participantes, e também de automóveis - o que não havia aparecido como resultado em outras oficinas (Figura 10).

Figura 10 - Mapeamento Afetivo: Mobilidade.



Fonte: Acervo - Residência ATHIS/UFSC.

3. AVALIAÇÃO DA OFICINA

Foram coletadas mais informações que complementam as leituras feitas nos dois primeiros mapeamentos, desta vez com as crianças que transitam por diferentes rotas entre suas casas até o CEI Caminho do Saber, porção mais ao sul do território.

Foi possível identificar a presença de crianças com neuro divergência e entender suas especificidades como também os recém-chegados na comunidade. Durante a atividade, estas crianças participaram ativamente, interagindo com os materiais e com o grupo, o que foi visto como algo bastante positivo pelas professoras envolvidas.

A contação de histórias aconteceu de modo exitoso, com um ambiente calmo e a presença das professoras que fazia a turma prestar mais atenção, facilitando a comunicação entre a personagem “Damiana” com as crianças.

A oficina de argila e blocos de madeira ofereceu uma oportunidade de exploração da criatividade e de refletir sobre os sonhos de cada uma para sua escola. Foi muito interessante perceber a forma em que elas utilizam a argila para unir os bloquinhos e assim assimilar de alguma forma a construção de sistemas com alvenaria.

A atividade de mapeamento afetivo foi mais difícil de obter resultados precisos como nas oficinas anteriores, devido à dificuldade das crianças de localização no território ou por algum motivo não se sentir à vontade em dizer onde mora. Entretanto, proporcionou um momento de entretenimento e diversão, aliado à aprendizagem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A terceira oficina assim como nas anteriores, com suas atividades variadas, se mostrou dinâmica, promovendo tanto a interação livre entre os envolvidos quanto a participação nas atividades mais elaboradas. Vale destacar a personagem "Damiana" e sua forma cativante de instigar as crianças a refletir sobre o território.

As crianças demonstram um grande interesse pelas atividades manuais com argila, blocos de madeira e desenho, pois acredita-se que estas oferecem uma oportunidade de explorar a criatividade. A grande diversidade da produção artística resultante nos leva a refletir que a individualidade assim como o espírito de grupo são fatores que influenciam no resultado.

É interessante observar que quanto mais se mantém o engajamento e participação das crianças nas atividades propostas, menos atividades espontâneas surgem, as quais dispersam ainda mais atenção do coletivo. Além disso, o mapeamento realizado em ambiente menor e mais aconchegante, separado das demais atividades, permite aos monitores atender um participante por vez, otimizando o processo e potencializando o caráter educativo da metodologia.

Acredita-se que após a oficina a criança fique mais atenta para os caminhos que fazem na região, e com as questões relacionadas à saúde pública, conscientização sobre cuidados com o meio ambiente, infraestrutura de equipamentos coletivos, pontes e vias de acesso.

Com todo este cuidado e interação pode-se concluir que a terceira oficina de mapeamento afetivo novamente evidenciou a realidade vivida pelas crianças. A metodologia nos ajuda a aprofundar o entendimento sobre o território e suas nuances e fornece informações importantes para o escopo de atuação do profissional com Assessoria técnica social.

Figura 11 - Participantes ao final do Evento.



Fonte: Acervo Residência ATHIS/UFSC.

ANEXO 1 - ROTEIRO OFICINA PARA AS CRIANÇAS NA CEI CAMINHO DO SABER

08:30 - 09:00h Identificação dos participantes

4 monitores irão ficar responsáveis pela identificação das crianças que irão participar da oficina. Serão divididos em grupos por ordem de chegada e será anotado se a criança chegou ou não acompanhada de um responsável. NATHÁLIA, SU, ALINE E JÉSSICA

08:30 - 09:00h Preparação do material

Após inscritas as crianças serão conduzidas para a preparar as atividades manuais. Será uma atividade espontânea de descontração inicial.

Monitores: buscar aproximação com as crianças, a fim de criar um ambiente mais descontraído. Sugestão: trazer trocas a respeito do espaço escolar e do território como um todo. TODOS

09:00 - 09:30h Hora do lanche MONITORES AUXILIANDO NO BANHEIRO

09:30 - 10:10h Contação de histórias

A personagem Damiana chama o grande grupo para contar uma história interativa sobre o território para as crianças. Concomitante a isso, dois monitores irão desenhar o conto durante a fala da personagem.

Monitores: prestar atenção nas respostas das crianças durante a narração e anotar informações relevantes. SUSAN, ANA MARIA E LUCAS SABINO

10:20 - 11:00h Mapeamentos

Grupos menores serão conduzidos para uma sala de aula para desenvolver a colagem dos adesivos nos mapas. JUÇARA, LUCAS SABINO, MARÍLIA, JÉSSICA E ANA PAULA

- Para o mapeamento do território abordar as seguintes perguntas:



- consegue identificar sua casa no mapa? ela fica próxima do que?
- onde você mora?



- do que você gosta de brincar?
- onde você brinca?



- como você vai para a escola?
- qual meio de transporte você utiliza?
- como você se locomove pelo território?

- Para o mapeamento da escola abordar as seguintes perguntas:



qual lugar você mais gosta na escola?



qual lugar você menos gosta na escola?

10:20h - 11:00h Atividade com desenho, argila e blocos de madeira

Trabalhar com as crianças direcionando-as a responder:

como seria a sua escola dos sonhos?

Monitores: Criar uma conversa para entender o que é um lugar adequado de **estudos, de descanso, para brincar e comer**. Anotar informações que identifiquem como relevantes para o grupo da residência.

Importante: registrar o que a criança desenvolve e anotar o que ela buscou representar no desenho e na atividade com argilas e blocos de madeira.

11:00h - 11:30h Desfecho com conto e avaliação dos participantes + atividades espontâneas

A personagem Damiana retoma o conto e concentra todos no saguão onde cada um irá falar a sua atividade favorita do dia. A oficina será finalizada com atividades extras como capoeira, bola e corda.

ANEXO 2 - CONTO HISTÓRICO

Introdução por um monitor da equipe:

Monitor da Equipe: Olá, crianças! Hoje é um dia muito especial, como nós estamos chegando agora na região, a gente quer a ajuda de vocês para desvendar melhor o território.

(A Susan entra em cena, um pouco perdida procurando informação)

Susan: Oi pessoal, estou precisando de ajuda.... alguém aqui conhece a Frei Damião? Será que alguém pode me ajudar? Alguém mora aqui?

Deixar as crianças responderem.

Nossa, que bom! Cheguei então! Eu consegui!!! Deixa eu me apresentar então! Olá, crianças! Eu sou a Damiana, sou uma pesquisadora! É, eu pesquisei a Frei Damião! Querem que eu conte uma história daqui??

Deixar as crianças responderem.

Susan: Mas eu preciso de ajuda pra contar essa história. Então vou chamar dois arquitetos para me ajudarem a desenhar o mapa da história enquanto eu conto com as crianças. Alguém aí se arrisca a desenhar um mapa enquanto eu conto?

Lucas ou João: Nós nós!! Estamos aqui para aprender com você e somos ótimos com isso de mapas de desenhos! Então, enquanto você conta a história, a gente vai tentando fazer um mapa aqui!

Susan: Perfeito! Então preparem-se, crianças, para uma viagem cheia de aventuras e descobertas!! Preparados??

Deixar as crianças responderem.

Então vamos lá!!

Há milhões e milhões de anos atrás aqui, nesse lugar, era onde os rios se encontravam com o mar! Aqui tudo era água!! E falando em água, eu estou procurando um rio que passa aqui perto... E quem aqui sabe o nome desse rio?

Deixar as crianças responderem.

Susan: Esse rio se chama Rio Imaruí! Isso! E ele divide duas cidades, vocês sabem quais são?

Deixar as crianças responderem.

Susan: Este rio divide as cidades de Palhoça e São José. E lááááá no sul dele, existe um lugar chamado: Canal dos Peixes, onde os peixinhos nadam felizes! Ah! Inclusive, alguém aqui sabe se localizar nas coordenadas norte, sul, leste, oeste?

Deixar as crianças responderem.

Susan: Como boa pesquisadora eu sei um jeito bem fácil de aprender a me localizar! Onde o sol nasce é o Leste (esticar os braços), onde o sol se põe é o Oeste. Meu nariz aponta para o norte, e as costas para o sul.

Susan: Voltando à história, Depois daqui ser o lugar onde os rios se encontram com o mar , passou maaisss tempo e aqui virou lugar encantado onde a natureza brilhava com suas cores vibrantes e segredos misteriosos. Aqui havia grandes árvores lindas e fortes, flores coloridas, e muitos pássaros que dançavam no céu azul. E tem uma coisa aqui perto, bem pertinho da gente, que é desse tempo, ela é muuuuito, mais muito antiga!! Ela é tão velha como um dinossauro. Eu estou falando de algo com 120 milhões de anos! Uaaaau! O que será que é?

Espera as reações das crianças

Susan: É algo bem grande!! Bem lindo! Que dá pra ver lá de loooonge! E eu acho que dá pra ver da janela de vocês!!

Dar dicas e estimular as crianças a darem palpites

Susan: Eu estou falando do Morro da Pedra Branca!! Sim!! Ele é muito antigo! Imaginem só tudo o que ele já viu e viveu nesse tempo todo! E tem mais uma coisa bem legal, é no Morro da Pedra Branca onde o sol se põe. Vocês sabem onde fica esse morro?

Deixar as crianças responderem.

Susan: Quem já subiu no Morro da Pedra Branca? Pois então, eu tenho um segredo pra contar pra vocês sobre ele!! (falar baixinho) Tem uma lenda que conta que esse morro guarda um tesouro muito misterioso!

Contam por aí que durante um período de guerras, a Revolução Farroupilha, um comerciante aqui de Palhoça fugiu com uma fortuuuuuuna de outra pessoa e escondeu no

morro!!! Reza a lenda do tesouro perdido que esse comerciante se refugiou no Morro da Pedra Branca e em uma caverna ele escondeu muitas moedas de ouro, de prata, de jóias e dinheiro tudo, bem escondido, e fechou a entrada com pedras gigantes.

Ele morreu sem revelar para ninguém o local! Desde então, muita tem procurado esse tesouro perdido, mas até hoje ele permanece escondido, esperando por algum desbravador para encontrá-lo!

Algumas pessoas dizem que, quando batem o pé na Pedra Branca, parece que o chão está oco embaixo, o que deixa a gente imaginar ainda mais sobre onde está esse tesouro!

Susan: Voltando para a história da origem do Morro da Pedra Branca, vocês sabiam que a natureza é muuuuito mas muito mas muito mais antiga que os homens? A gente surgiu muito, mais muito tempo depois do Morro! E quando passou a ter vida humana aqui, há muito tempo atrás, as pessoas viviam em harmonia com a natureza, cultivando alimentos e cuidando da terra com muito carinho. Essas pessoas são os indígenas, que vivem até hoje com muita harmonia com a natureza!

Muito tempo se passou e chegou mais gente para viver aqui nessa terra junto com os indígenas. Essas outras pessoas vieram de longe em embarcações gigantes, eram os Portugueses! Eles também plantaram e aprenderam muitas coisas com os indígenas, como cultivar vários alimentos que a gente come muuuuito até hoje!! Como, por exemplo, arroz, milho, mandioca, amendoim e feijão! Quem aqui gosta de comer arroz e feijão?

Deixar as crianças responderem.

Susan: Com o passar dos anos, muita gente morando aqui, essa terra começou a mudar. Estradas foram construídas, indústrias surgiram, e novas pessoas vieram morar aqui. E entre essas novas pessoas haviam os Tropeiros, que chegaram aqui nos anos de 1970. Eram pessoas que levavam o gado do Sul até lá em São Paulo, e eles desciam das montanhas e do Morro da Pedra Branca, aquele que a gente já conhece, para chegar até aqui, na praia!

Foi nesta mesma época que o caminho em forma de serpente do Rio Imaruí, esse que tem aqui pertinho da gente, foi quase que transformado numa linha reta.

Continuando. 20 anos depois, em 1990, chegaram mais famílias para morar por aqui! E sabe da onde elas vieram?? Vieram muuuuitos lugares diferentes!

Muitas famílias vieram do interior do Brasil, de cidades cheias de histórias e tradições. Algumas vieram do interior do estado, das regiões Serrana e do Oeste Catarinense. E outras

pessoas, recentemente, chegaram do Norte do país e até de outros países, como Argentina, Cuba, Venezuela, Haiti.

Quem aqui tem a família que veio de fora? Quem sabe até alguém aqui tem um parente ou conhece alguém que veio de lá!

Deixar as crianças responderem.

Susan: Com a chegada de toda essa gente na Frei Damião, muitas coisas legais começaram a acontecer por aqui! Muitas casas foram construídas, lojas, igrejas com sininhos que faziam “blem blom blem blom”, e também um posto de saúde e escolas para todo mundo aprender coisas novas!

Susan: Assim, a comunidade da Frei Damião foi crescendo e ficando cada vez mais animada, cheia de gente que adora brincar, aprender e viver juntinhos.

Sabe uma coisa? Eu ouvi falar que na Frei Damião as ruas são um espaço onde acontece muita diversão, brincadeira, onde brincam de bola, soltam pipa, dançam e correm muito! Isso é verdade criancada? Quem aqui brinca na rua?

Deixar as crianças responderem - incentivar as crianças a compartilharem suas brincadeiras favoritas

Susan: Nossa gente, mas eu falei muita coisa já né? Vamos ver o nosso desenho?

Susan vira para ver o desenho sendo feito pelo Lucas e o João. E se encantar.

Susan: Uau! Que desenho legal! Eu também quero desenhar! Quem mais quer desenhar?? Já seeeei, já que falamos da escola e se cada um aqui desenhar qual é a sua escola dos sonhos??

Lucas: então agora é um exercício de desenho com essa pergunta: Como seria sua escola dos sonhos?

Monitores da Equipe: explicam os materiais disponíveis, arrumar o que tem para as crianças: papel pardo, giz de cera, argila, blocos de madeira.